

# Sobre o Fundo que se Escapa

MARIA ANTÓNIA CARREIRAS (\*)

## I

É noite. A casa repousa contra o furor do tempo. A Lua, pujante, avança no céu. Sombras e luzes correm na parede branca, criando cenários fantásticos: fumos, dedos enlaçados, palmeiras, terraços suspensos...

É então que surge Inês. Ontem, há muitos dias atrás, estivemos aqui sentadas. E conversámos. E Inês disse de si. De gestos, de feições inquietas, de retratos, de margens, de heranças... E, pouco a pouco, uma Inês foi ganhando corpo dentro de mim. E eu fui falando à Inês da Inês que em mim brotava...

Inês, trinta e nove anos, corpo seco e tenso, três filhos, uma insuficiência renal em fase terminal há vários anos, um dizer que se diz apressado. Sim, Inês não pára. Quotidiano meticulosamente organizado, cumpre-o sem uma falha. A casa, o trabalho, os filhos, o tratamento... «Não gosto de estar parada. Se paro penso e fico mal...», diz.

Inês que, não sei como, me levou a percorrer a baía hermética da poesia de Paul Celan.

Escrevia o poeta nos seus últimos anos de vida:

«Projectado  
na via de esmeralda,  
buraco de larva, buraco de estrela, com todas  
as quilhas  
procuro-te,  
Sem-Fundo.»<sup>1</sup>

Em Abril de 1970, Paul Celan encontrou, definitivamente, o Sem-Fundo no fundo do Sena, onde mergulhou.

Que teme Inês pensar? Que teme Inês encontrar? Um cair sem fim num poço de águas mil? Um fundo sem fundo?

Inês, que tem uma história, quer familiar, quer do adoecer, bastante pesada, passa pelo mundo sem soltar uma queixa, um lamento. Atrás de si deixa a imagem de funcionária competente e criativa, doente cumpridora e submissa, óptima dona de casa, boa esposa e boa mãe. Junto a mim pede desculpa pelos breves minutos em que se atrasa, pelo tempo que me ocupa, pela «mesma» história que me conta. Recusará sempre sessões mais frequentes e regulares. Fala-me, numa fase inicial, através dos problemas dos filhos e do marido. Só mais tarde, bastante mais tarde, me procurará, de forma explícita, por ela. «O que me sugere, senhora doutora? Comprimentos... já sei que não me fazem nada!»

Sim, Inês não existe, ou melhor Inês não pode existir por si. Inês deve apagar-se para que surja apenas a Inês que ela imagina que os outros querem que exista.

Diz-me: «Às vezes, depois de despachar o meu serviço, no trabalho, penso que posso morrer. Está tudo tratado.» «Quando não estou ocupada, não estou a fazer nada neste mundo!»

Inês olha-se. E o seu olhar não é o de quem se encontra e desvenda mas o de um Outro sobre a

(\*) Assistente, ISPA.

<sup>1</sup> Paul Celan, *Sete Rosas Mais Tarde*, Lisboa: Ed. Cotovia, p. 175.

ausência de si. E Inês pressente, penso, que o seu fundo é um sem fundo, habitado pelo gelo do silêncio sepulcral gerado pelo vento da impossibilidade de ser. Provavelmente ela não aprendeu que o corpo – o *seu* – é percorrido por sangue e espaços e estremecimentos passíveis de transformação em voz, fala – a *sua* voz, a *sua* fala. Inês foi, talvez, captada na rede de afazeres e olhares e dizeres do Outro, espécie de carrocel iluminado e ruidoso que ofusca as luzes da (sua) aldeia, o veludo negro do (seu) céu, o faiscar das (suas) estrelas.

Inês teve uma educação rigorosa. A mãe, abandonada precocemente pela própria mãe, foi criada «com grande favor» por uma vizinha. Começou cedo a trabalhar, sendo descrita pela filha como uma mulher exigente (consigo e com os outros), trabalhadora, recta, humilde e honesta. Faleceu nova, vítima de uma doença grave. Dos últimos anos de vida da mãe, Inês recorda o esforço tenaz dela para não incomodar ninguém, os gritos lancinantes que, às vezes, incapaz de conter, soltava, sozinha, no quarto.

Terá tido esta mulher espaço pala acolher o rumor de Inês-bebé-menina e, com ela, encontrar o seu volume e escrita? Ou será que também era habitada pelo silêncio e a escuridão de si?

Mas, como escreveu Liú Xiàng, com a simplicidade oriental, «Não é possível esquecer o que o coração encerra!»<sup>2</sup>

E Inês folheia, comigo, o esgotamento do desfazer-se no Outro, a dor subjacente a «fazer das tripas coração». E, pouco a pouco, vai descobrindo que as tripas são tripas, e o coração coração que pode (e deve) sentir o que sente.

Um dia, preocupada com o facto de não andar a zelar a casa como antigamente, diz-me: «Todas as noites peço perdão a Deus por não ter tratado de tudo...» E eu respondo-lhe: «Devia era pedir perdão a Deus por não tratar de si!» Inês, comovida, sorri: «A senhora doutora ainda ajuda à missa!»

---

<sup>2</sup> Liú Xiàng, in *O Rosto do Vento Leste: Doze Textos de Prosa Clássica Chinesa*, Lisboa: Assírio e Alvim, p. 29.

## II

Se em Inês podemos pressentir um movimento do silêncio à palavra, não será que em Paul Celan encontramos o movimento inverso, isto é, da palavra ao silêncio?

Celan, oriundo da Roménia e filho de judeus alemães, viveu a destruição da guerra, o sofrimento e a morte nos campos de extermínio, a condição sem voz de ser judeu.

«Leite negro da madrugada bebemos-te de  
noite  
bebemos-te ao meio-dia a morte é um mestre  
que veio da Alemanha  
bebemos-te ao entardecer e pela manhã bebemos  
mos e bebemos  
a morte é um mestre que veio da Alemanha  
azuis são os teus olhos  
atinge-te com bala de chumbo acerta-te em  
cheio  
na casa vive um homem os teus cabelos de  
oiro Margarete  
atiça contra nós os seus cães oferece-nos um  
túmulo nos ares  
brinca com as serpentes e sonha a morte é um  
mestre que veio da Alemanha  
os teus cabelos de oiro Margarete  
os teus cabelos de cinza Sulamith.»<sup>3</sup>

Ao longo da sua obra poética Celan fala-nos, de uma forma cristalina, da dor da impossibilidade de ser.

«Havia terra neles, e  
cavavam.

Cavavam e cavavam, assim passava  
o seu dia, a sua noite. E não louvavam a Deus,  
que, segundo ouviam, queria tudo isto,  
que, segundo ouviam, sabia tudo isto.

Cavavam e não ouviam mais nada;  
não se tornavam sábios, não inventavam nenhuma  
canção,  
não imaginavam qualquer espécie de linguagem.

Cavavam.

---

<sup>3</sup> Paul Celan, *Sete Rosas Mais Tarde*, Lisboa: Ed. Cotovia, pp 17-19.

Veio um silêncio, veio também uma tempestade,  
vieram os mares todos.

Eu cavo, tu cavas, e o verme cava também,  
e aquilo que ali canta diz: eles cavam.

Oh um, oh nenhum, oh ninguém, oh tu:  
para onde íamos que não fomos para lado  
nenhum?»<sup>4</sup>

Oh, oh, houve um tempo...

«(...) Que  
bom tempo passámos.  
(...)  
Falava, falava.  
Era, era.»<sup>5</sup>

... um tempo em que as palavras brilhavam, em  
que «percorremos o uno e o quieto»<sup>6</sup>, «fomos/  
/uma planta celeste»<sup>7</sup>, «um cristal de mil faces»<sup>8</sup>,  
«eu estava/em ti»<sup>9</sup>, e «sou tu quando sou eu»<sup>10</sup>,  
«entre nós só havia o Nada» e «o nosso/encontro  
era perfeito.»<sup>11</sup>... Nesse tempo,

«Nós fomos  
mãos,  
esvaziámos a treva, encontrámos  
a palavra, que subia do verão:  
flor.»<sup>12</sup>

Depois, veio o tempo da destruição e da rup-  
tura. o tempo em que «o coração da minha loura  
mãe foi ferido com chumbo» e ela «não voltou  
para casa»<sup>13</sup>, o tempo em que

«tudo é menor do que  
é,  
tudo é mais.»<sup>14</sup>

Então, «nenhuma mão [nos] sustenta» nem  
«lança a sorte numa hora»<sup>15</sup> e

«Ninguém nos moldará de novo em terra e  
barro,

Ninguém animará pela palavra o nosso pó.  
Ninguém.

(...)  
Um Nada  
fomos, somos, continuaremos  
a ser, florescendo:  
a rosa do Nada, a  
de Ninguém.»<sup>16</sup>

Foi o tempo da aniquilação. Com ele veio  
uma luz demasiado forte e crua, que quebrou a  
Beleza e a Harmonia iniciais. Ela trouxe desven-  
damentos, saliências, precipícios, o impossível  
de dizer.

«Varrida pelo  
vento dardejante da tua Palavra  
a variegada desconversa da vida  
vivida – as cem  
línguas do im-  
poema, o niilema.»<sup>17</sup>

Agora

«(...) o resto,  
tu  
sabes bem,  
lemo-lo no livro, era  
ilusão.

Era, era  
ilusão. Como  
nos tocámos  
– nós, com  
estas mãos?»<sup>18</sup>

Celan vai continuando a escrever. E, enquanto  
o faz, habita-o, simultaneamente, a esperança e a  
descrença na possibilidade de ultrapassar a «hora  
da fractura». Haverá coração capaz de acolher a

<sup>4</sup> Paul Celan, *Idem*, p. 99.

<sup>5</sup> Paul Celan, *Ibidem*, pp. 89-91.

<sup>6</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 41.

<sup>7</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 183.

<sup>8</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 91.

<sup>9</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 179.

<sup>10</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 13.

<sup>11</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 101.

<sup>12</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 75.

<sup>13</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 7.

<sup>14</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 131.

<sup>15</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 159.

<sup>16</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 103.

<sup>17</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 125.

<sup>18</sup> Paul Celan, *Ibidem*, pp. 87-89.

sua palavra e, por isso mesmo, de lhe dar sentido?...

«Quem fala, não fala para ninguém, fala porque ninguém o ouve, ninguém e Ninguém.»<sup>19</sup>

«(...) os poemas são um caminho: encaminham-se para um destino (...), para um lugar aberto, para um tu intocável...»<sup>20</sup>

Mas quem é este «ninguém», este «tu intocável», senão um objecto interno inabitável, porque afectivamente gelado, um cadáver, uma pedra, ele próprio, Celan?

Celan viu e sentiu de mais. Dentro de si abateiram-se a violência e a destruição do «Mestre dos cárceres e torres»<sup>21</sup>, dos «dogues da noite» que celebravam «a mais selvagem sede,/a mais selvagem fome...»<sup>22</sup>

E Celan não quer sentir mais. Despe-se de volume. despe-se de superfície, despe-se de sombra, e torna-se

«cada vez mais delgado, irreconhecível,  
subtil!

Mais subtil: um fio.»<sup>23</sup>

Ou, então, torna-se pedra, «pedra/que evita os demoníacos degraus.»<sup>24</sup> Sim,

«Se destas pedras uma  
anunciasse  
o que a faz silêncio:  
aqui muito perto,  
na bengala deste velho,  
isso se abriria, como ferida.»<sup>25</sup>

Mas tudo isto não basta. Celan-fio-pedra ainda sente e, sentindo, destrói-se.

Então, um dia, Celan silenciará o seu corpo-sentir-palavra talvez para não silenciar, definitivamente. Celan-sopro-vital, Celan-esperança-no-reencontro-com-a-Harmonia-e-a-Beleza-iniciais.

«Tu, entalado no mais fundo de ti mesmo,  
sais de ti  
para sempre.»<sup>26</sup>

«Uno e Infinito,  
destruído,  
Eu renascido.

Havia luz. Salvação.»<sup>27</sup>

### III

Mas voltemos a Inês.

Inês realiza um transplante renal. Surgem dificuldades desde o início. Inês apresenta várias crises de rejeição e, ao fim de poucos meses, o rim deixa de funcionar.

Esse órgão transforma-se, então, no foco de intensas dores físicas, espécie de bicho repugnante e maléfico que mina internamente o corpo de Inês e que tem de ser extirpado. Os médicos desaconselham uma nova intervenção cirúrgica, uma vez que não encontram justificação para tal. Inês sente-se impotente e quer morrer.

E é aqui que me procura de novo.

«Sentei-me nos degraus da escada, enquanto esperava por si. Estou cansada. Quero morrer.»

Também Inês vivencia a perda de uma certa harmonia. O quotidiano regular e previsível, proporcionado pela hemodiálise, ficou para trás. O corpo, que se habituara ao ruído silencioso do rim artificial, foi cortado, entubado, sentiu dor e gemeu. «Não quero! Basta!», dizia, mas tão baixinho, tão baixinho, que as cordas vocais de Inês nem estremeciam. Ela apenas podia estar grata e aquiescer. Mas o seu corpo, quase em surdina, continuava a dizer «Não!». Terá sido aqui, imagino que as dores, localizadas no que Inês, no seu fundo, recusava, irromperam bem fortes. E Inês queixou-se, com voz tosca: «Tirem-me este rim!»

Inês não tem espaço para a sua subjectividade. Tal como Celan (mas num outro registo), deve

<sup>19</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. XXXI.

<sup>20</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. XXXI.

<sup>21</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 31.

<sup>22</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 55.

<sup>23</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 69.

<sup>24</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 117.

<sup>25</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 153.

<sup>26</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 165.

<sup>27</sup> Paul Celan, *Ibidem*, p. 133.

silenciar-se, ainda que apagando o seu sentir, ainda que, em extremo, apagando o seu corpo. Inês não pode *ser quem é*, dizer de si, afirmar-se, nem, tão pouco, opôr-se, porque desconhece essa linguagem. Ela aprendeu a a-conflitualidade, a harmonia de uma valsa (impossível) executada por dançarinos perfeitos e sem hiatos: Inês-filha-submissa-cordata-amável/médico-mãe-omnisciente-omnipotente, isto é, ausência-de-Inês/Outro.

Ao longo dos nosso encontros, vamos olhando e pensando e dando forma e existência ao que Inês não ousava ver nem pensar dentro de si, e que não é mais do que a sua Voz, a sua Fala, o seu Fundo.

Um dia, Inês conta-me o seguinte sonho: «Estou na sala da minha casa de campo. Caminho nela, olhando os sofás, a estante... A certa altura, a sala torna-se maior, bastante maior, adquirindo dimensões desmesuradas. Estou assustada.»

Falamos deste sonho como de uma viagem que Inês realiza no seu interior. O seu antigo espaço (espaço cujas coordenadas emanavam de um Outro) está a ser substituído por um espaço mais vasto, cujas coordenadas – as suas – Inês ainda não conhece bem e, por isso, teme.

O tempo vai passando. As dores no corpo de Inês foram-se. Quem a contacta diz que ela está diferente, menos confusa, mais afirmativa.

#### IV

Fundo, sem-fundo, sombras, luz, profundidade, reflexos, a Lua que desce no horizonte e o Sol que avança...

Fundo de mim, fundo de Inês, meu sem-fundo de Inês, sem-fundo fundo de Celan, harmonia, dor, medo, «sou tu quando sou eu», tu e eu.

Um fundo (que não é fundo) que se escapa, um fundo que se desvenda e reencontra...

O que é, o que é uma terapia, senão um espaço de descoberta, transformação e crescimento mútuos?

#### RESUMO

Inês é uma mulher jovem, insuficiente renal crónica há vários anos, que acaba por realizar um transplante renal. Este corre mal desde o início. Inês apresenta várias crises de rejeição e, ao fim de cerca de cinco meses, o rim deixa de funcionar.

Esse rim transforma-se, então, no foco de intensas dores físicas, espécie de bicho repugnante e maléfico que mina internamente o corpo de Inês e que tem que ser extirpado. Os médicos desaconselham uma nova intervenção cirúrgica. Inês sente-se impotente e deseja morrer.

E é aqui que reatamos uma relação terapêutica, espaço e tempo onde se torna possível vivenciar algumas facetas dos cenários existenciais construídos por Inês, ao longo da sua história, cenários esses onde apenas certas encenações podem ocorrer.

E assim, entre um cenário-fundo que se escapa e um cenário-fundo que se desvenda e reencontra, é Inês, e a sua Fala, que brota.

#### ABSTRACT

Inês is a young woman who has suffered from chronic renal insufficiency for several years. She had a kidney transplant, with problems since the beginning. After several rejection crises, the kidney stops functioning after five months.

This kidney becomes a source of intense physical pain, a kind of repulsive and megalomaniacal beast that mines Inês' body from within and which must be extirpated. Doctors, however, do not favour a new operation. Inês feels helpless and wishes to die.

It is now that a therapy relationship is begun, a space and time where some of the existential scenarios developed by Inês are re-experienced, following her story, scenarios that only allow for certain scripts.

We thus witness the appearance of Inês' voice, from amidst these background scenarios and the ones newly discovered.

#### RESUME

Inês est une jeune femme présentant une insuffisance rénale chronique depuis plusieurs années qui vient de se faire transplanter. Dès le début l'intervention chirurgicale a posé des problèmes: il y a eu rejet de l'organe et, au bout de cinq mois, le rein ne marche plus.

Ce rein devient, alors, le lieu de violentes douleurs physiques, une sorte de bête repugnante et maline qui trouble l'intérieur du corps d'Inês et qui doit être extirpé. Les médecins ne sont pas d'accord pour une nouvelle intervention. Et Inês se sent impuissante et veut mourir.

C'est à ce moment que nous reprenons une relation thérapeutique, espace et temps où devient possible de vivre quelques aspects des scénarios existentiels bâtis par Inês, tout au long de son histoire, où il n'y a que

certaines mises en scène qui peuvent être mises en acte.

Alors, entre des décors qui s'échappent et des scénarios qui s'éveillent et se retrouvent, c'est Inês, et sa Parole, qui naît.